

## TRANSCRIÇÃO

### **RONALDO IAIATI**

**Entrevistadora:** Qual o seu nome e onde vive?

**Ronaldo:** Meu nome é Ronaldo, sou da etnia Kaingang, sou cacique da Aldeia Icatu, que fica no município de Braúna, região de Araçatuba. A minha aldeia é 623 alqueires que, que tem a etnia Kaingang, Terena e Guarani Nhandewa.

**Entrevistadora:** Nos conte um pouco sobre sua vivência na Terra Indígena Icatu

**Ronaldo:** E da minha história, da história que eu tenho lá, é, que eu lembro quando era, era antigamente, quando eu era pequeno, é, não tinha, não tinha água encanada, então, a gente ia na mina buscar água pra gente, pra tomar banho, pra fazer, pra fazer, pra comida, a janta e tudinho o que nós tem que fazer. E antigamente na minha aldeia era, era casa de tábua e agora não, agora, agora, agora é casa normal pra todo mundo né.

**Entrevistadora:** Em relação às crianças e jovens de Icatu, qual a sua preocupação?

**Ronaldo:** E única minha preocupação é com as crianças, com os jovens, é, deles está resgatando pra não tá perdendo a nossa cultura que eu acho, eu acho não, eu tenho certeza que um dia tentaram, tentaram apagar a nossa história, querendo apagar a nossa história. Por isso, por isso que agora a gente não pode deixar, a gente tem que mostrar, indo pra cidade, apresentando a nossa cultura, mostrando que a gente estamos aqui, que estamos aqui no, que estamos aqui no estado de São Paulo, é, a minha Aldeia Icatu, que não é só a Aldeia Icatu, tem várias outras aldeias que tamo junto com a gente aqui. E a minha preocupação é, é transmitir isso aí pros jovens né, pra não deixar acabar nossa cultura.

**Entrevistadora:** Nos conte um pouco sobre as memórias que você tem sobre a sua tia Maria Rosa.

**Ronaldo:** Praticamente, a minha tia Maria Rosa, ela, ela que me criou, me criou. Tem uma história tão grande, tão grande com ela né, que um dia fui no, eu fui no mato né, buscar uns material pra, pra fazer meu arco e flecha e naquela mata lá a gente tem que, a gente tem que se abençoar pra qualquer mata, qualquer mata que você entrar, você tem que se..., pedir a benção pra você entrar dentro da mata. Aí um dia eu fui pra lá, é, levei meus cachorro, aí eu entrei no meio da mata, aí meus cachorro sumiram, sumiram, aí eu sentei lá no, sentei lá no caminho, lá na trilha e aí eu chamando esses cachorro, comecei a assobiar, aí os cachorro demorou de aparecer, daqui a pouco os cachorro apareceu, aí começaram é, ficar bravo na minha frente, latindo, latindo, daqui a pouco subiu uma cobra na minha frente, ficou bem no alto, aí ela veio do meu lado, aí eu caí no chão e aí, aí quando ela veio em cima, pertinho de mim, aí eu senti a minha tia Maria Rosa do meu lado. Quando eu olhei do lado tinha uma pessoa branca, com um pano branco, um vestido branco do meu lado. Aí colocou a mão na minha cabeça, aí daqui a pouco a cobra veio e a cobra foi embora, isso que eu nunca, nunca vou esquecer.

**Entrevistadora:** Nos conte um pouco sobre as memórias que você tem sobre a sua mãe.

**Ronaldo:** E também da minha mãe né, que quando ela faleceu, que, é, quando ela tava, tava, não tava bem de saúde, aí ela, ela, ela sempre buscava água na mina pra fazer janta pra gente, pra gente, fazer janta, fazer almoço pra gente e eu era pequeno, acompanhava ela e agora quando, ela antes de falecer, ela queria voltar lá na mina de novo, acho que ela tá, ela tava pedindo, fazendo a despedida dela. Aí levei ela até na mina, aí chegamo lá ela começou a fazer a oração dela, falando linguagem e jogando água em mim. Aí naquela hora foi quando os passarinho chegou, os passarinho chegou, é, começaram a cantar tudo em volta da gente ali, aí quando voltando pra casa, aí um dos passarinho mesmo foi atrás de nós até na minha casa e aí quando passou uns tempo ela, ela, ela faleceu e nós tava velando ela na aldeia, aí três horas da manhã eu fui embora pra casa e aí cheguei, cheguei em casa e descansei um pouco, aí um passarinho que é chamado urutau chegou na minha porteira

lá, porteira de casa e começou a cantar, aí eu cheguei até perto dele, mas ele não voou, ficou lá e cantando. E toda vez agora ele chega em casa, as vezes chega em casa e minha irmã, minha irmã hoje ela tem, ela tem medo desse passarinho né, é, pensando que ele vai fazer mal e eu, eu, eu acredito que, eu acredito que a minha mãe vem através desse passarinho que chama urutau. As vezes ele sempre tá cantando lá e todas as vezes a noite, de madrugada, ele sempre tá lá visitando a gente lá e eu acho que é a minha mãe que tá vindo através desse passarinho chamado urutau.

**Entrevistadora:** Deixe uma mensagem para os indígenas e para os não indígenas

**Ronaldo:** Então, eu queria deixar essa mensagem não é só pra minha etnia, mas pra todas as etnias do mundo inteiro né. Que não, que não tenha vergonha de se mostrar, de se pintar, de usar cocar. Qualquer lugar que cê for, na cidade, qualquer lugar, que não tenha vergonha. Usa, se pinta, mostra que nós somos indígena, mostra que nós somos da terra, mostra, ensina nossas criança a não perder nossa cultura, tá. E eu já tô ficando velho, daqui uns dia não vou tá mais aqui, mas ensina nossas crianças. Professores, ensina nossas crianças e os brancos também, é, tem um pouquinho de delicadeza com o nosso pessoal, sempre tem preconceito sobre a gente, sempre tem preconceito com outros povos, somos todos igual, tá. Muito obrigado e agradeço de coração. O dia que quiser visitar minha aldeia, pode tá, pode visitar, tá de braços abertos. Minha aldeia chama Aldeia Icatu, fica no município de Braúna, na região de Araçatuba. Tá bom, muito obrigado! *Mahâ tin tin!*